

O abismo da palavra: o fracasso e o desamparo na (com)pulsão da escrita

*Juliana Reis Bento**
*Simone Zanon Moschen***

RESUMO

Partindo de fragmentos em que Clarice Lispector pensa sua escrita, percebemos que esta não parece figurar como um lugar de refúgio para a escritora, tornando evidente uma forma de escrita rodeada pelo desamparo, dando espaço ao fracasso na escrita. Este artigo procurará, seguindo os rastros de sua escrita, contornar a proposta de uma “escritura em desamparo”, partindo da hipótese de que o ato de escrita, um escrito que produz uma escritura, implica certa condição de desamparo daquele que enfrenta o desafio de escrever.

Palavras-chave: FRACASSO; ESCRITURA; DESAMPARO; CLARICE LISPECTOR; LITERATURA.

The abyss of the word: the failure and the helplessness in the compulsion of writing

ABSTRACT

Starting from fragments where Clarice Lispector reflects on her writing process, we perceive that it does not seem to serve as a refuge for the author, making evident a form of writing surrounded by helplessness, allowing space for failure in writing. This article will seek, following the traces of her writing, to circumvent the proposal of a “writing in helplessness”, starting from the hypothesis that the act of writing, a written that produces a scripture, implies a certain condition of helplessness for those who face the challenge of writing.

Keyword: FAILURE; WRITING; HELPLESSNESS; CLARICE LISPECTOR; LITERATURE.

El abismo de la palabra: el fracaso y el desamparo en la (con)pulsión de la escritura

RESUMEN

Partiendo de fragmentos en los que Clarice Lispector reflexiona sobre su proceso de escritura, percibimos que esta no parece funcionar como un refugio para la escritora, evidenciando una forma de escritura rodeada por el desamparo, dando espacio al fracaso en la escritura. Este artículo buscará, siguiendo las huellas de su escritura, sortear la propuesta de una “escritura en desamparo”, partiendo de la hipótesis de que el acto de escribir, un escrito que produce una escritura, implica cierta condición de desamparo para aquel que enfrenta el desafío de escribir.

Palabras-clave: FRACASO; ESCRITURA; DESAMPARO; CLARICE LISPECTOR; LITERATURA.

* Psicóloga clínica. Integrante da XVIII turma do curso em Psicanálise da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA), mestre em Psicanálise: clínica e cultura pela UFRGS e membro do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC – Eixo 2) da UFRGS.

E-mail: julianareisbento@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3653-8761>

** Psicanalista. Professora Titular do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana - IPSSCH - da UFRGS e dos programas de Pós-graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura e em Educação, ambos da UFRGS. Bolsista Produtividade CNPq. Membro do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC – Eixo 2).

E-mail: simoschen@gmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3776-8737>

Introdução

Durante os anos 1960 e 1970, a escritora Clarice Lispector foi convidada a falar sobre sua obra e sobre literatura brasileira em algumas cidades brasileiras e também no exterior. Ao tomar a palavra, geralmente lia um mesmo texto que recebia poucas alterações a cada evento. Esse texto, publicado no livro-coletânea *Outros escritos* sob o título “Literatura de vanguarda no Brasil” e também como crônica no *Jornal do Brasil*, nos anos 1970, revela uma Clarice escritora que se coloca a pensar sobre sua escrita e sobre a efervescência de alguns movimentos artísticos importantes para o seu país. Diante daqueles que ali se encontravam para escutá-la, Clarice recusa o título de literata e diz não ter aptidão para o trabalho de análise literária, tampouco tendência à erudição. Revela que, colada ao escrever, para além da inteligência, encontra a intuição, faltando-lhe ter olhado a literatura “de fora para dentro, isto é, como uma abstração” (Lispector, 2020d, p. 98). Além do mais, nesse texto, Clarice, à sua maneira, narra aquilo que consideraremos como certo desamparo diante do fazer da escrita.



Clarice Lispector

Quanto ao fato de eu escrever, digo – se interessa a alguém – que estou desiludida. É que escrever não me trouxe o que eu queria, isto é, paz. Minha literatura, não sendo de forma alguma uma catarse que me faria bem, não me serve como meio de libertação. Talvez de agora em diante eu não mais escreva, e apenas aprofunde em mim a vida. Ou talvez esse aprofundamento de vida me leve de novo a escrever. De nada sei (Lispector, 2020d, p. 112).

Mais tarde, no dia 30 de novembro de 1968, é publicada no *Jornal do Brasil* uma crônica escrita por Clarice a partir de anotações de uma amiga. Nela, Clarice descreve uma conversa telefônica na qual manifesta um misto de estranhamento e reconhecimento em relação ao que sua amiga havia registrado sobre ela. Nesses registros, Clarice afirma que “A hora de escrever é o reflexo de uma situação toda minha. É quando sinto o maior desamparo” (Lispector, 2020a, p. 199-200).

Esses dois fragmentos situam o escrever próximo a uma situação de estrangeiridade, como se habitar o terreno da escrita implicasse um lugar de desamparo. Sobre isso, Maurice Blanchot (2011b, p. 59) afirma: “... o ato da escrita, para alguns autores converte-se, então, no seio do desamparo e da fraqueza de que esse movimento é inseparável, numa possibilidade de plenitude, num caminho sem objetivo capaz de corresponder, talvez, a esse objetivo sem caminho que é o único que cumpre atingir”.

Este artigo procurará, seguindo os rastros da escrita de Clarice Lispector, contornar a proposta de uma “escritura em desamparo”. Procuraremos nos aproximar da linguagem que pode acontecer quando se está em um estado de desabamento, recolhendo fragmentos que se debruçam sobre o fazer de escrita de Clarice – texto dela e de seus/suas comentadores/as –, partindo da hipótese de que o ato de escrita, um escrito que produz uma escritura, implica certa condição de desamparo daquele que enfrenta o desafio de escrever. Escrever a partir desse lugar seria confrontar-se com o que é da ordem do Real, não operando com o Simbólico, mas produzindo uma escritura em que *a Coisa* fala, apresentando-se ao mundo em desamparo.

Diante do arrebatamento que toma a escrita de Clarice, será possível pensar no conceito de pulsão de escrita (Sebastião, 2019), num movimento pendular de repetição, na tentativa de dar forma ao que é impossível. Procurando o (re)nascimento pela/da palavra e aproximando-se da morte, permitindo que as entrelinhas sejam um espaço habitável pelos iniciados.

O fracasso e a escritura em desamparo

Recordemos a homenagem à escritora Marguerite Duras, feita por Jacques Lacan em 1965. Nela, o psicanalista retoma um preceito freudiano, ao afirmar que “em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando artista lhe desbrava o caminho” (Lacan, 2003, p. 200). A leitura de *Arrebatamento de Lol V Stein*, publicado um ano antes, leva Lacan a dizer: “... ela [Duras] não deve saber que escreve, nem aquilo que escreve. Porque ela se perderia. E isso seria uma catástrofe” (Lacan citado por Duras, 2021, p. 30). Anos depois, Duras responderia a Lacan afirmando que é justamente no desértico terreno de se estar perdido e não se ter mais nada a perder que a escrita se dá.

Encontrar-se em um buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar. Não ter um tema para o livro, não ter ideia alguma para o livro é se encontrar ou se reencontrar diante de um livro. Uma imensidão vazia. Um livro eventual. Diante de nada. Diante de uma espécie de escrita viva e nua, terrível, terrível de superar (Duras, 2021, p. 30).

O terrível tormento causado pela contração da escrita que o desamparo pode proporcionar, Lucia Castello Branco (2011) diz ser esse o destino daquelas que não se calam e se lançam na errância infinita da palavra, aquelas que perseveram na escrita para além do instante da morte: “... isso também existe na função de escrever”, diz Marguerite Duras (2021, p. 42), “... dizer aí mesmo que não é preciso se matar todos os dias, já que a qualquer dia a gente pode se matar”.

Quanto a Clarice, sua escrita parece não figurar como um lugar de refúgio para a escritora, ou como se cumprisse um papel sublimatório – na perspectiva freudiana da sublimação como o destino bem-sucedido da pulsão –, mas sim como um modo de localizar – e dar contornos – a um certo fracasso. Ao ser perguntada em uma entrevista se a literatura compensa, ela responde: “De jeito nenhum. Escrever é um dos modos de fracassar” (Lispector 2020a, p. 72). Desse lugar do fracasso, sua escrita parece ultrapassar o mero ofício ou atividade criativa, mas reflete um caminhar em território aberto.

A escrita de Clarice Lispector é permeada por um aspecto paradoxal: embora ela a perceba como uma expressão do desamparo e do fracasso, isso não a impede de escrever, ao contrário, sua obra parece explorar o território da linguagem como forma de dar borda ao vazio, ainda que reconheça que a escrita é um espaço de desamparo, onde se expõe e se confronta com a própria vulnerabilidade, aproximando-se do que Blanchot (2011a, p. 314) escreve:

O escritor não é um sonhador idealista, não se contempla na intimidade da sua bela alma, não se enterra na certeza interior de seus talentos. Seus talentos, ele os põe na obra, isto é, necessita da obra que produz para se conscientizar deles e de si mesmo. O escritor só se encontra só se realiza em sua obra; antes de sua obra, não apenas ignora o que é, mas também *não é nada*.

Para Ruth Silviano Brandão (1996, p.7), “os grandes escritores são geralmente aqueles que fazem da visão do abismo sua fascinação e seu horror, num escrever que bordeja o real, onde acaba por se construir como escritura, como um saber inconcluso”, deixando exibir sua incompletude, seus restos, tomando a desistência como uma revelação.

Desisto, e terei sido a pessoa humana – é só no pior de minha condição que ela é assumida como meu destino. Existir exige de mim o grande sacrifício de não ter força, desisto, e eis que na mão fraca o mundo cabe. Desisto, e para a minha pobreza humana abre-se a única alegria que me é dado ter, a alegria humana. Sei e estremeço – viver me deixa tão impressionada, viver me tira o sono. Chego à altura de poder cair, escolho, estremeço e desisto, e finalmente me votando à minha queda, despersonal, sem voz própria, finalmente sem mim – eis que tudo o que não tenho é meu. Desisto e quanto menos sou mais vivo, quanto mais perco o meu nome mais me chamam, minha missão secreta é a minha condição, desisto e quanto mais ignoro a senha mais cumpro o meu segredo, quanto menos sei mais a doçura do abismo é o meu destino. E então eu adoro. (Lispector, 2018, p. 597)¹

Nesse caminho, o sujeito “desértico e labiríntico” (Blanchot, 2013, p. 136), com a existência dedicada a uma jornada que ultrapassa os limites de uma única vida, uma jornada necessariamente mais longa do que o tempo que lhe é dado, está infinitamente a vagar, acompanhado da incerteza do verbo, na imensidão vazia da linguagem. “Mas como seria possível morrer na escrita, se é justamente a morte que nos impede de morrer?”, pergunta-se Lúcia Castello Branco (2011, p. 79). É ela quem aponta um caminho em que dá a ver a escrita como um caminho de acesso ao infinito do verbo, ao infinito da literatura pela finitude da obra literária:

Uma vez mortos, não há mais morte no horizonte e as questões da morte e da imortalidade, sempre colocadas pela obra, deixam de existir. Por isso é preciso *estar a morrer*, perseverar nessa morte, perseverar na escrita, no infinito do verbo que é também o infinito da literatura (Castello Branco, 2011, p. 79).

Nesse paradoxal processo e nessa trajetória em direção ao seu próprio desvanecimento, a escritura torna-se um lugar de ausência, que exige um eu desprovido de máscaras.

... só posso alcançar a despersonalidade da mudez se eu antes tiver construído toda uma voz. É exatamente através do malogro da voz que se vai pela primeira vez ouvir a própria mudez e a dos outros, e aceitá-la como a possível linguagem. Só então minha natureza é aceita, aceita com o seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é a que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo. (Lispector, 2018, p. 594)²

Num atravessamento de uma paixão (*pathos*) da escrita que figura como esse lugar de profundo desamparo, em que a linguagem atravessa uma *via crucis* de desficcionalização da experiência, Clarice aproxima-se de uma escritora “sem literatura”, como escreve Barthes (2020), ou como tão bem escreve Maria Gabriela Llansol em seu diário *Um falcão no punho*: “... destituo-me da literatura e passo para a margem da língua... a refletir que devia me perder da literatura para contar de que maneira atravesssei a língua, desejando salvar-me através dela” (Llansol, 2011, p. 10-11). Ou, como em *Um sopro de vida*: “Eu não faço literatura: eu apenas

vivo ao correr do tempo. O resultado fatal de eu viver é o ato de escrever” (Lispector, 2020e p. 15).

Nesse sentido, José Américo Pessanha (2019) já alertara Clarice em carta datada de 5 de março de 1972, ao ler o livro *Objeto gritante*, que posteriormente foi publicado sob o título de *Água viva*. Pessanha se refere ao movimento de afastamento do universo artístico na obra de Clarice, a uma escrita a-literária e não ficcional, na qual ela parece querer rejeitar os artifícios da arte.

Tive a impressão de que você quis escrever espontaneamente, ludicamente, a-literariamente. Verdade? Parece que, depois de recusar os artifícios e as artimanhas da razão (melhor talvez- das racionalizações), você parece querer rejeitar os artifícios da arte. E despojar-se, ser você mesma, menos indisfarçada aos próprios olhos e aos olhos do leitor. Daí o despudor com que se mostra em seu cotidiano (mental e de circunstâncias), não se incomodando em justapor trechos de diversos níveis e sem temer o trivial. Falar de Deus e de qualquer coisa, sem selecionar tema, sem rebuscar forma. Sem ser “escritora”. Ser apenas mulher-que-escreve-o-que-(pré)pensa-ou-pensa-sentindo? (Pessanha, 2019, p. 134)

Pessanha (2019) observa que um movimento pendular na escrita de Clarice, que parte do cotidiano para a ficção e retorna ao cotidiano para iniciar um novo ciclo, está presente desde seu início, modificando-se e radicalizando-se ao longo do tempo. Nesse sentido, o crítico chama a atenção para a questão da desficcionalização de Clarice, mencionando o seu “repúdio temporário” ao trabalho de ficção. Além disso, há um progresso gradual, um processo de intelectualização, percebendo-se nas personagens de Clarice uma mudança de posição diante da palavra, pela qual finalmente conseguem dialogar e podem falar por si mesmas, pensando livremente, sem artefato ou artifício: “... é aí que se explica um pouco esse grito do objeto?”, pergunta Pessanha. “Se for – é ótimo que ele grite, e alto” (Pessanha, 2019, p. 135).

No grito que comunica o que é anterior à fala, ressalta a ideia de linguagem ainda como esse instrumento precário pelo qual os seres humanos tentam suprir uma falta que nunca poderá ser plenamente preenchida.

Mas se eu gritasse uma só vez que fosse, talvez nunca mais pudesse parar. Se eu gritasse ninguém poderia fazer mais nada por mim; enquanto, se eu nunca revelar a minha carência, ninguém se assustará comigo e me ajudarão sem saber; mas só enquanto eu não assustar ninguém por ter saído dos regulamentos. Mas se souberem, assustam-se, nós que guardamos o grito em segredo inviolável. Se eu der o grito de alarme de estar viva, em mudez e dureza me arrastarão pois arrastam os que saem para fora do mundo possível, o ser excepcional é arrastado, o ser gritante (Lispector, 2020b, p. 61).

Neste grito que o fazer literário sustenta, Clarice é arrastada para o fora d’A literatura, permitindo a escrita, esse “animal que deveríamos, obrigatoriamente, encontrar no caminho” (Llansol citada por Castello Branco, 2011, p. 66). Esse animal-escrita constituído por “sinais fugazes” dando abrigo ao que resta, ao furo no Simbólico, ultrapassando a impostura da língua.

Nesse contexto, é verdade que não há mais erro, mas também não há mais inocência, nada pelo qual o “eu” responda. “Pois o que se pode pedir àquele que depôs o possível?”, pergunta-se Blanchot, ao que ele mesmo responde:

Nada – exceto isto, que é a mais estranha exigência: que através dele fale aquilo que é sem poder, que a partir dali a fala se anuncie ela mesma como ausência de poder, aquela nudez, impotência, mas também impossibilidade, que é o primeiro movimento da comunicação (Blanchot, 2013, p. 44-45).

Nesse retorno ao primeiro movimento da comunicação, inscreve-se a possibilidade de caminhar pela errância infinita do verbo e, com isso, experimentar o desamparo em que o infinito nos coloca. Retomemos aqui, rapidamente, a perspectiva em que a psicanálise situa o desamparo, a *Hilflosigkeit* freudiana: longe de reduzir-se a mera questão biológica, essa noção descreve mais do que a condição humana de um recém-nascido, ela aponta para o susto que anuncia a descoberta do mundo e que denuncia uma forma de existir na linguagem.

Para Mário Eduardo Costa Pereira (1999), no livro *Pânico e desamparo*, a noção de desamparo faz parte dessa constatação de que o sítio da linguagem está necessariamente vazio de toda garantia definitiva: “a linguagem só é capaz de criar um mundo à condição de perpetuamente recriá-lo” (Pereira, 1999, p. 246).

Nada, e sobretudo ninguém, pode garantir de forma absoluta e imutável os alicerces simbólicos do mundo. Esse lugar permanece vazio e este desamparo é, portanto, correlativo da própria linguagem... O sítio da linguagem introduz o resto não-sintetizável que obriga o auto-engendramento constante de novas formas e de novas referências (Pereira, 1999, p. 237).

Atrelada ao desamparo da escrita, Clarice coloca a impossibilidade de não escrever, como quando, em *Um sopro de vida*, o personagem-autor escreve: “Minha vida me quer escritor e então escrevo. Não é por escolha: é íntima ordem de comando” (Lispector, 2020e, p. 30). Ou quando, em uma entrevista, ao ser perguntada por que escreve, Clarice responde:

Escrevo simplesmente como quem vive. Por isso todas as vezes que fui tentada a deixar de escrever, não consegui. Não tenho vocação para o suicídio. Um jornalista me perguntou: por que é que você escreve? Então eu lhe perguntei: por que você bebe água? (Lispector citada por Borelli, 1981, p. 24)

Essa escrita que é da ordem da vida encontra sua forma para confrontar não apenas o desamparo, mas também para tentar capturar a coisa, provoca quase que um desvanecimento das fronteiras entre a mão, o papel, a máquina e a palavra: “Antes havia uma diferença entre mim e o escrever (ou não havia? não sei). Agora mais não. Sou um ser. E deixo que você seja. Isso o assusta? Creio que sim. Mas vale a pena. Mesmo que doa” (Lispector, 2020a, p.404).

Alex Keine de Almeida Sebastião (2019), em sua tese de doutoramento, ao trabalhar as noções de sublimação e *sinthoma* na escrita de Clarice Lispector, compara esse sôfrego coração que pulsa com o incessante movimento que a mão de Clarice faz ao escrever em sua *Olímpicos*, escrita (*com*)pulsão: “Além do problema que nós temos ao viver, Ângela acrescenta um: a da escrita compulsiva. Ela acha que parar de escrever é parar de viver” (Lispector, 2020e, p. 52).

Segundo Sebastião (2019), entre esse impulso e o ato, arma-se um circuito pulsional que sustenta o escrever e localiza o desejo de escrita, dando destaque ao que chama de pulsão da escrita, termo que retoma do trabalho de Vânia Baeta Andrade sobre a autora Maria Gabriela Llansol. A pulsão, conceito fundamental da psicanálise, é proposta nessa teoria “podendo significar tanto a pulsão que se manifesta no sujeito e o lança em direção à escrita, quanto uma outra pulsão, aquela que parte da própria escrita e arrebatada aquele que escreve” (Sebastião, 2019, p. 15-16). Para Sebastião (2019), há na escrita de Clarice um *pathos*, ou

uma paixão, que impulsiona a escritora: “... sinto que sou impulsionada. Por quem? Eu quero escrever com palavras tão agarradas umas nas outras para que não haja intervalos entre elas e entre eu” (Lispector, 2020e, p. 102).

Seguindo nessa direção, recordemos também a crônica intitulada “Não soltar os cavalos”, na qual se aproximam escrita, pulsão e criação:

Como em tudo, no escrever também tenho uma espécie de receio de ir longe demais. Que será isso? Por quê? Retenho-me, como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e me levar Deus sabe onde. Eu me guardo. Por que e para quê? Para o que estou me poupando? Eu já tive clara consciência disso quando uma vez escrevi: “é preciso ter medo de criar.” Por que o medo? Medo de conhecer os limites de minha capacidade? ou medo de aprendiz de feiticeiro que não sabia como parar? (Lispector, 2020c, p. 83-84)

O medo de não parar, de perder-se e não se encontrar, enfeitada pelo tempo do discurso fragmentário típico de seus escritos, subverte qualquer tempo linear que pudesse almejar para a narrativa uma sequência de início, meio e fim – tempo e discurso fragmentários são subversores. Ainda que “não soltar os cavalos” seja sempre um horizonte imaginado, não parece que seja possível.

Pode ser um sofrimento. É perigoso. O ato criador é perigoso porque a gente pode ir e não voltar mais. Por isso que eu procuro me cercar na minha vida de pessoas sólidas, concretas... Para eu poder ir e voltar dentro da literatura sem o perigo de ficar. Todo artista corre um grande risco. Até de loucura. Por isso precisa tomar cuidado. (Pausa). Eu tomo cuidado. (Pausa mais longa)... O cotidiano como fator de equilíbrio das incursões pelo desconhecido da criação (Lispector citada por Gotlib, 2013, p. 574).

Para Sebastião (2019), quando se consente com a pulsão da escrita e com o desejo incrustado nela – desejo imperdoável, enraizado no inconsciente como qualquer outro e permeado de sofrimento –, impelidas por impulsos viscerais, as palavras surgem e se concretizam, mesmo diante de uma atmosfera desconcertante.

Nesse contexto, texto e escritora se entrelaçam profundamente um ao outro, como num mergulho, dessa vez, no abismo da pedra lançada no poço fundo.

Considerações Finais

Para concluir, relembremos que Clarice Lispector foi muitas vezes descrita como hermética, como ela mesma afirmou em entrevista ao jornalista Júlio Lerner. Sua escrita, dando espaço ao enigma e à não transparência na linguagem, “ao som harpejado e agreste da sucata da palavra” (Lispector 2020e, p. 13), não fez concessões e frequentemente pagou o preço de ser incompreendida. A hermeticidade que alguns acusam na escrita de Clarice pode ser refletida à luz do que Blanchot (2011b, p. 16) escreve:

Quando escrever é descobrir o interminável, o escritor que entra nessa região não se supera na direção do universal. Não caminha para um mundo mais seguro, mais belo, mais justificado, onde tudo se ordena segundo a claridade de um dia justo. Não descobre a bela linguagem que fala honrosamente para todos. O que fala nele é uma decorrência do fato de que uma maneira ou de outra, já não é ele mesmo, já não é ninguém.

Aquele que ousa enfrentar a escrita do impossível “permanece sob a constante ameaça de ser tragado pelo abismo do real”, escreve Sebastião (2019, p. 93). A cada escrita, como uma tentativa apaixonada de alcançar o esvaziamento, o fracasso, o eu desprovido de máscaras, Clarice, despojada de um lugar eterno e distante de qualquer origem ou autoria definida, dissolve-se na linguagem literária para renascer constantemente em novos territórios.

É que depois de anos de verdadeiro sucesso com a máscara, de repente – ah, menos que de repente, por causa de um olhar passageiro ou uma palavra ouvida – de repente a máscara de guerra de vida cresta-se toda no rosto como lama seca, e os pedaços irregulares caem com um ruído oco no chão (Lispector, 2020a, p. 96).

A prática da escrita parece exigir da autora uma entrega à impessoalidade, um abandono consciente às fronteiras indeterminadas de um eu que não busca limites ou referências seguras, nem se submete às amarras do tempo, “escrever é quebrar o vínculo que une a palavra ao eu” (Blanchot, 2011b, p. 17). Nessa perspectiva, considerando a capacidade do sujeito de suportar um fundo de desamparo ante o abismo, na transposição do que antes era impotência em um devir impossível, a *Hilflosigkeit*, o desamparo, pode constituir-se como a garantia do escasso grau de liberdade de que o sujeito dispõe para sustentar a inesgotabilidade de seu desejo. Assim, é possível refletir sobre uma escrita que surge a partir dessa premissa, o que sustenta o desejo de escritura.

E nessa escritura que permite a atualização da ausência caracterizada por essa abordagem que circunscreve o vazio, encontramos a possibilidade de pensar a existência de uma *escritura em desamparo*.

Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo (Lispector, 2020e, p. 13 -14).

Existe algo nesse processo que impede o escritor ou a escritora de considerar sua obra como concluída, algo que o(a) mantém distante dela. No lugar do eu, emerge um ele – um espaço vazio que, por sua vez, impulsiona a autora a adiar abismos na dura matéria da escrita. A obra produzida durante (com) a vida da autora, cuja essência é inapreensível, torna-se a condição fundamental para a própria existência da escritura. “Acho que a gente luta tanto para produzir uma obra de arte só para sobreviver. Por que será que a gente luta tanto para poder produzir uma obra de arte? Acho que para sobreviver” (Lispector citada por Borelli, 1981, p. 19).

Como José Américo Pessanha (2019, p. 136) reconheceu a respeito do fazer literário de Clarice, em carta supracitada: “E, se como você mesma sabe, fazer literatura nunca significou para você o que geralmente significa para o literário “profissional” – *é seu modo de sobreviver adiando abismos*, como Xerazade que inventa histórias para adiar com palavras as ameaças”.

Adiando com palavras as ameaças, descobre-se o infinito do significante, num arranjo autenticado pelo Outro. E, se Xerazade molda o tempo narrando na iminência da morte, Clarice escreve tendo em seu horizonte o desamparo, como se em cada palavra estivesse presente a possibilidade de um gesto vulcânico que entre o chão e a cratera firmasse

uma fina camada de rocha, possibilitando o trilhamento sobre o qual sua escritura aponta em permanente devir:

“Escrever” existe por si mesmo? Não. É apenas o reflexo de uma coisa que pergunta. Eu trabalho com o inesperado. Escrevo como escrevo sem saber como e por quê – é por fatalidade de voz. O meu timbre sou eu. Escrever é uma indagação. É assim:?
(Lispector, 2020e, p. 14)

Referências

- Badiou, A. (2004). Por uma estética da cura analítica. *Letra Freudiana: a psicanálise e os discursos*, 34/35, ano XXIII, 237-242.
- Barthes, R. (2020). *O grau zero da escrita*. Lisboa: Edições 70.
- Blanchot, M. (2011a). *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Blanchot, M. (2011b) *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Blanchot, M. (2013). *O livro por vir*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Brandão, R.S. (1996). *Literatura e psicanálise*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS.
- Borelli, O. (1981). *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Castello Branco, L. (2011). *Chão de letras: as literaturas e a experiência da escrita*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Duras, M. (2021). *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário.
- Gotlib, N. B. (2013). *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Lacan, J. (2002). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lispector, C. (2018). *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020a). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020b). *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020c). *Para não esquecer*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020d). *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lispector, C. (2020e). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Nodari, A. (2018). O indizível manifesto: sobre a inapreensibilidade da coisa na “dura escritura” de Clarice Lispector. *Revista Letras*, 98, 83-113.
- Pereira, M. E. C. (1999). *Pânico e desamparo*. São Paulo: Escuta.
- Pessanha, J. A. M. (2019). O conselho do amigo – Carta à Clarice Lispector. In: Lispector, C. *Água Viva*; Rio de Janeiro: Rocco.
- Sebastião, A. K. de A. (2019). *Livrar-se da escrita: Clarice Lispector e a liberdade de ninguém*. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Troccoli, F. (2015). *A inútil paixão do ser: figurações do narrador moderno*. Campinas: Mercado de Letras.

Notas:

1. Texto publicado na revista *Senhor* em dezembro de 1962 e também como parte do livro *A paixão segundo G.H.* (Lispector, 2020b).

2. Fragmento também presente em *A paixão segundo G.H.* (Lispector, 2020b, p. 176-177), um pouco modificada por Clarice, como de costume, ao passar de um romance para uma crônica ou vice-versa.

Citação/Citation: Bento, J. R.; Moschen, S. Z. (2024). *O abismo da palavra: o fracasso e o desamparo na (com)pulsão da escrita. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XVI, no. 1.)*, pp. 92-101.

Recebido em: 04/12/2023

Aprovado em: 12/03/2024